

Highway, T. 2022. Laughing with the Trickster: On Sex, Death, and Accordions. Toronto: House of Anansi

O *Trickster* revisitado como corporização de um espaço liminar em *Laughing with the Trickster: On Sex, Death, and Accordions*, de Tomson Highway

The Trickster revisited as the embodiment of a liminal space in Laughing with the Trickster: On Sex, Death, and Accordions, by Tomson Highway

SUSANA AMANTE

Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Viseu,
Instituto Politécnico de Viseu, CI&DEI, Portugal
susanamante@estgv.ipv.pt

Evolutionary memory anchors us all, however tenuously, to the stream and flow that allow us to dive into the magic wells of fellow beings and draw that living water to the surface. (...) Literature and art have been dangling such bait since humans first embraced animism and shamanism and totemism, even before we turned our rituals into art and story, image and song. (Copeland 2017, 178)

Há corpos-media que conquistaram um lugar de destaque no imaginário popular, como os *tricksters* e outros seres mitológicos que se encontram em diferentes culturas de todos os continentes, desde a África, à Polinésia, Ásia, Europa e, muito frequentemente, na América do Norte (Pache 2012). Efetivamente, desde os tempos imemoriais das histórias de tradição oral, as narrativas da criação, principalmente das Primeiras Nações do Canadá, são invadidas por seres antropomórficos, que não se assumem claramente

como humanos ou animais, pelas suas características híbridas que os/as dotam de ambiguidade e lhes permitem adaptar-se às circunstâncias, transgredindo limites e fronteiras (Carstens 2017, Amante 2022, McCauley 2023).

Num tempo marcado por alterações climáticas, inteligência artificial, zoonoses e outras pandemias, os estudos pós-humanistas têm vindo a desafiar a centralização míope do ser humano nos vários campos da vida social para abraçar estudos sobre literatura e educação criativa, interrelacional, suprahumana e transcorporal (Rousell et al. 2022). Como nos lembra Wheeler (2017, 120), recorre-se ao animismo como um conceito corporizado, em vez de como uma prática religiosa, com o objetivo de representar uma tradição cultural e para permitir uma reflexão e ação sobre o presente. Esta conceção sugere uma abordagem da ciência que reconhece a presença e influência de diversas entidades não humanas no mundo natural, isto é, que é conducente a uma compreensão ontológica holística e interconectada da existência, como nos lembra de Freitas (2020, 64): “Through such alliances, science actively populates the world with diverse non-human agencies (...) according to an immanent ontology that is no less realist for being thoroughly situated”. Este paradigma, que prevê que a ciência popula o mundo com diversas agências não-humanas, encontra eco mais recentemente na figura do ciborgue, um ente cibernético — ou ser híbrido — que amalgama componentes orgânicos e tecnológicos. Com efeito, analogamente ao animismo, que reconhece uma sacralidade difusa na natureza, o ciborgue simboliza uma fusão de elementos naturais e tecnológicos, subvertendo dicotomias convencionais entre o orgânico e o artificial. Ao abordarmos o animismo sob esta perspetiva, emerge uma visão mais fluida e integrada do cosmos, bem como da simbiose entre o biológico e o tecnológico, como postulado por Patra (2023, Aspects of Post-Human Transformation), aquando da sua reflexão sobre obras de Neal Asher: “By dismantling the binary division between human and non-human, Asher enables his protagonists to delve into the cosmic mystery (...) and grasp the otherness of the cosmos and themselves”.

No fundo, e retomando a ideia da tradição oral das Primeiras Nações do Canadá, o animismo pode ser considerado um artifício didático que permite a criaturas tão diversas como o búfalo, o coioite, o urso, a águia (Allen 1996) e o corvo, de entre outros, servir como um modelo que se aviva na mente dos ouvintes, ou leitores, para os aproximar das suas raízes, ou para lhes dar a conhecer mundos que evocam a alteridade, mas que, em ambas as situações, transportam ensinamentos transversais a qualquer cultura ou contexto histórico. De facto, esses ensinamentos e valores são intemporais e universais, pois o recurso a animais em narrativas que personificam comportamentos e traços humanos, e que transmitem uma moral, encontram ressonância em diversas sociedades ao longo dos séculos. Estas narrativas — que podem ser criacionistas, fábulas (ex.: Esopo) ou contos com animais (ex.: *Animal Farm*, de George Orwell) que marcam a nossa infância e juventude — são consideradas fundamentais na construção da personalidade, formação do carácter e desenvolvimento de relações sociais.

Nas primeiras páginas de *Laughing with the Trickster: On Sex, Death, and Accordions* (2022), versão escrita das palestras de Tomson Highway designadas como “The Massey Lecture Series”, o reconhecido romancista de origem Cree e autor de livros para crianças, dramaturgo e músico, reflete sobre questões fundamentais da existência humana à luz das mitologias indígenas, que contrapõe às mitologias grega e do cristianismo. Num primeiro capítulo intitulado “On Language”, após uma breve apresentação que faz de si e do seu contexto enquadrado pela língua Cree¹, Highway detém-se na palavra “mitologias”, na respetiva etimologia e sentido, bem como no seu hibridismo. Como faz saber, “mitologia” tem na sua origem os vocábulos gregos “Mythos”, significando narrativa, e “logos”, com sentido de palavra ou discurso. Assim, como explana,

Put together, the hybrid word thus means “a word” or “a discourse” on “narrative.” Mythology’s closest cousins, which are so close that they can be easily confused by the unvigilant, are theology, which comes from “theos” (“god”) and the aforementioned “logos,” and cosmology, where “cosmos” has been variously defined as “world” or “universe.” (Highway 2022, 8)

Ao partilhar raízes linguísticas com os vocábulos “teologia” e “cosmologia”, a palavra “mitologia” sugere uma ligação estreita a narrativas que muitas vezes exploram o transcendente, uma articulação com o sagrado e com a ordem cósmica. O hibridismo do vocábulo vem acompanhado da transformação e metamorfose das próprias mitologias indígenas, grega e do cristianismo, que se influenciam e adaptam como resposta às interações culturais. Nas suas palavras:

... they have changed to accommodate one another in some way, in the interests of mutual survival. They have mixed and mingled and emerged as a hybrid. And it is this hybrid of three mythologies, as I see it, that has had the most to do with giving form and substance to North American thought, life, and culture as we know it today. (Highway 2022, 10)

É já no segundo capítulo, “On Creation”, que a figura do *trickster* nos é descrita. Surge, pois, como um “... clown god [that] lives inside us. A spirit half-human and half-god, as is the case with all superheroes in all world mythologies. The difference is that our Trickster has a sense of humour and a concupiscence that know no limit” (Highway

¹ A este propósito, vale a pena lembrar a hipótese dos antropólogos Sapir e Whorf que defendiam que a nossa língua condiciona ou molda a nossa visão do mundo: “We dissect nature along lines laid down by our native languages. The categories and types that we isolate from the world of phenomena we do not find there because they stare every observer in the face; on the contrary, the world is presented in a kaleidoscopic flux of impressions which has to be organized by our minds—and this means largely by the linguistic systems in our minds. We cut nature up, organize it into concepts, and ascribe significances as we do, largely because we are parties to an agreement to organize it in this way—an agreement that holds throughout our speech community and is codified in the patterns of our language.” (Whorf 1956, 213).

2022, 25). Contrastando mitologias monoteístas e politeístas com a mitologia aborígine panteísta, Highway abraça o conceito de energia divina que não foi antropomorfizada: a entidade divina não é homem, nem mulher. Este ser encontra-se em tudo, em todas as coisas, ao nível da natureza, o que nos transporta para as palavras de Alzate, Gonzáles-Cortes e Tabares, embora estes académicos se refram a uma outra realidade, decorrente dos avanços da cibernética, postulando que...

... en la sociedad postindustrial, el ser humano pierde su cuerpo y pasa a entablar una relación horizontal con los elementos no-humanos, como bien lo ha planteado Wang (2018) el ser humano actual es solo una de las muchas especies de la tierra, y Eaton (2016) al afirmar la naturaleza interconectada de humanos, animales, objetos no humanos en los sistemas sociales. (2022, 356)

Com efeito, mais do que perder o corpo, o ser humano ganha outros corpos-media, pois tudo está interligado, de forma que a imagem do círculo, sem início, meio ou fim, reflete a totalidade, a unidade, o infinito: “In Indigenous mythology, there exists not one God, as in Christian mythology; not many gods, as in Greek mythology; but, rather, the concept of ‘God in all’ or ‘God in everything’” (Highway 2022, 52). O panteísmo, por oposição ao monoteísmo e politeísmo, é a representação perfeita da natureza eterna da existência e, por isso, na mitologia indígena, não existe a narrativa do Jardim do Éden, isto é, o paraíso não é resultado de uma maldição de um deus masculino zangado, nem é a Arcádia panteísta, mas uma dádiva de um deus feminino benevolente, que é a Mãe Natureza. Nesse ponto, as mitologias indígenas comungam da crença dos panteístas gregos e, em relação à árvore do conhecimento, a sua existência só poderá ser motivada pela necessidade de se provar o seu fruto, contrariamente à mitologia Cristã, na qual este é proibido: “In Greek and Indigenous mythologies, by contrast, that’s why it’s there, right there in the middle of the garden — that is, the human body — for us to partake of, for us to enjoy, for us to celebrate day in and day out” (Highway 2022, 61). A mitologia, que é o ponto intermédio entre a ciência e a religião segundo Highway, faz-se ouvir por meio de uma língua que consiga descrever estes corpos-media, que se movem pelos entrelugares, e que, nas palavras do escritor Cree em apreço, é...

The language needed to describe a dream world where exist, where thrive, men with wings, horses with wings; where creatures half-human and half-god walk the Earth, just like the god Pan, or Weesaa-geecheak, the great Cree Trickster; where snakes talk to women (but not, for some reason, to men), women give birth without having had sex, dead men rise from the grave. And women — and men, too, (...) — are, at one and the same time, both human and divine. (Highway 2022, 62)

Como Highway reflete, atendendo ao facto de a Ciência — desde a física quântica à biologia celular — nunca ter conseguido explicar de onde veio o impulso da primeira célula do universo, situação que também a religião não explica, tornou-se necessário que visionários, sacerdotes e xamãs inventassem uma nova língua para, como refere, “... articulate that origin. And that language is mythology” (ibidem).

No terceiro capítulo, intitulado “On Humour”, por entre histórias e comparações, percebemos o papel que o *trickster* tipifica, como louco, psicadélico, explosivo, maníaco, imprevisível, disruptivo, irascível, profano, escatológico, de contrastes, insano, ridículo, cómico, histérico, covarde, trapalhão, desonesto, sem forma, nem dimensão física. Ele/a assume-se simultaneamente como um arquétipo moderno para reavivar a herança cultural dos povos nativos do Canadá e como uma figura cujo humor liberta os oprimidos dos seus colonizadores, isto porque “... laughter is medicine” (ibidem, 96).

“On Sex and Gender”, correspondente ao quarto capítulo, Highway socorre-se do cómico para, uma vez mais através de histórias, contar como o Old Man Coyote e a Coyote Woman descobriram o sexo e populararam o mundo, por oposição a histórias de uma religião monoteísta e patriarcal que vê o sexo como tabu e a mulher como submissa em relação ao homem. É também com um humor acutilante que reflete sobre o género em diferentes línguas e, provocatoriamente, de entre outros vocábulos, discute o género da palavra vagina, que em francês é masculina. Depois, centrando-se novamente em questões linguísticas, contrapõe os dois géneros inflexíveis da religião cristã, para apresentar os três, num semicírculo que inclui o género neutro da religião politeísta e, finalmente, o círculo completo do panteísmo que abre espaço a qualquer número de géneros, nomeadamente dos “Two-Spirits”, os quais, embora possam ter aparência biológica feminina ou masculina, são o todo no seu âmago. Efetivamente, segundo Highway e de acordo com os sistemas de crença panteísta, todos os seres vivos e não vivos, bem como as partes do corpo, são desprovidos de artigos definidos com marca de género, pois não refletem construções de género binárias, nem abrem espaço à existência de um género neutro, mas, antes, abraçam toda a existência como sagrada e assumem uma divisão em termos de seres animados ou inanimados, com ou sem alma.

No quinto capítulo, “On Death”, que precede “A Brief Guide to Cree”, Highway debruça-se sobre a morte e a vontade divina como determinante para o destino dos que partem, segundo a religiosidade cristã. De um céu onde, de entre outros prazeres da vida, não são permitidos acordeões, a uma segunda opção designada por purgatório, sobre a qual discorre e problematiza, detém-se pormenorizadamente sobre o cenário dantesco do inferno, para depois se concentrar na visão grega do politeísmo. Por último, por meio de histórias, revela-nos o sistema panteísta indígena: “When you die, your physical self, formerly animate, becomes inanimate and merely melts into the Earth and becomes one with it” (Highway 2022, 161). Daí, num círculo perfeito, volta a encontrar a vida em união com a natureza, guiado pelo *trickster* apalhaçado. É, por isso, que se torna mais fácil suportar a partida de um ente querido, como a que Highway nos revela,

apesar da dor sentida pela perda, ou melhor, transformação do irmão, René, em energia e nas memórias guardadas.

A figura do *trickster* é o que une cada um dos capítulos. Esta figura arquetípica, astuta, brincalhona e que desafia as normas e a rigidez das estruturas sociais e cósmicas, apresenta a adaptabilidade necessária para lidar com as nuances e complexidades da vida. Com efeito, esta figura serve como um elemento unificador na obra, não apenas pela sua universalidade, mas sobretudo pela sua capacidade notável de mediar conceitos, estados e divindades. Este ser condensa em si todos os binómios e atua como um agente de transformação, numa destruição de paradigmas que Rosi Braidotti (2018) abraça no seu pensamento pós-humanista crítico. Recuperando as palavras de Radin, o *trickster* é tudo: “...god, animal, human being, hero, buffoon, he who was before good and evil, denier, affirmer, destroyer, and creator (...) What happens to him happens to us” (1956, 169). É, indubitavelmente, um corpo-média imprevisível, fluido, que se move por espaços liminares. Daí que este livro desafie, ponha em perspetiva mundividências, ou se comparem concepções do mundo e apresente de forma singular, através de um discurso fluido e humorístico, a mitologia de um povo distante geograficamente, mas que cada vez mais se estreita, quer pela literatura, quer pelos meios tecnológicos, quer pelo abraçar de um compromisso em prol da sustentabilidade e inclusão, neste período Pós-humanista crítico.

Referências

- Allen, Paula Gunn. 1996. "Introduction." *Song of the Turtle: American Indian Literature 1974-1994* (Ed. P. Gunn Allen). New York: One World-Ballantine Books: 3-17.
- Alzate, Magda, González-Cortes, Jorge, and Tabares, Anyerson. 2022. "Papel de las tecnologías digitales en la consolidación del Posthumanismo como nueva forma de humanismo." *Revista De Filosofia (Venezuela)*, 39(102): 346-362. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7045669>
- Amante, Susana. 2022. "Forging a Space for Dialogue and Negotiation in Modern Picture Books by Melanie Florence." *Ars Aeterna* 14(2): 22-36. <https://doi.org/10.2478/aa-2022-0009>
- Braidotti, Rosi. 2018. A Theoretical Framework for the Critical Posthumanities. *Theory, Culture and Society*. <https://doi.org/10.1177/0263276418771>
- Carstens, Delphi. 2017. "Tricksters, Animals, New Materialities, and Indigenous Wisdoms." In *Indigenous Creatures; Native Knowledges, and the Arts: Animal Studies in Modern Worlds*, edited by Wendy Woodward and Susan McHugh). London: Palgrave Macmillan: 93-115.
- Copeland, Marion. 2017. "Magic Wells, the Stream and the Flow: The Promise of Literary Animal Studies." In *Indigenous Creatures; Native Knowledges, and the Arts: Animal Studies in Modern Worlds*, edited by Wendy Woodward and Susan McHugh). London: Palgrave Macmillan: 161-182.
- de Freitas, Liz. 2020. "Why trust science in a trickster world of absolute contingency? The speculative force of mathematical abstraction." *Critical Studies in Teaching and Learning* 8, Special Issue: 60-74. <https://doi.org/10.14426/cristal.v8iSI.267>
- McCauley, Marcie. 2023. "Review of the Book *Laughing with the Trickster: on Sex, Death, and Accordions* by Tomson Highway". *World Literature Today* 97(1): 73-74. <https://doi.org/10.1353/wlt.2023.0036>
- Pache, Matthias. 2012. "The Fox in the Andes: An Alternative Interpretation of the Trickster." *Anthropos: International Review of Anthropology and Linguistics*, 107(2): 481-496. <https://doi.org/10.5771/0257-9774-2012-2-481>
- Patra, Indrajit. 2023. Exploring the intersection of Lovecraftian monstrosity and techno-body horror in selected works of Neal Asher: an examination of (post-)humanity. *Multidisciplinary Reviews*, 6(1). <https://doi.org/10.31893/multirev.2023009>
- Radin, Paul. 1956. *The Trickster: A Study in American Indian Mythology*. New York: Philosophical Library.
- Rousell, David, Harris, Daniel, Wise, Kit, MacDonald, Abbey, and Vagg, Julia. 2022. "Posthuman creativities: Democratizing creative educational experience beyond the human". *Review of Research in Education*, 46(1): 374-397. <https://doi.org/10.3102/0091732X221084316>
- Wheeler, Alexandra-Mary. 2017. "The Porosity of Human/Non-Human Beings in Neil Gaiman's American Gods and Anansi Boys." In *Indigenous Creatures; Native Knowledges, and the Arts: Animal Studies in Modern Worlds*, edited by Wendy Woodward and Susan McHugh. London: Palgrave Macmillan: 119-137.
- Whorf, Benjamin. 1956. *Language, Thought, and Reality*. Cambridge, MA: MIT Press.

Nota biográfica

Professora Adjunta na Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Politécnico de Viseu e membro integrado do CI&DEI, com doutoramento em Filologia Inglesa. Tem atuado nas áreas disciplinares de Português e de Línguas Estrangeiras (Inglês). As suas áreas de interesse são a Literatura e Cultura, sobretudo de Expressão Inglesa; Literatura de Potencial Recepção Infantil; Didática das Línguas; Estudos de Género e Tradução.

Para citar este artigo

Amante, Susana. 2023. "Highway, T. 2022. Laughing with the Trickster: On Sex, Death, and Accordions. Toronto: House of Anansi." *Revista de Comunicação e Linguagens* (59): 204-211. <https://doi.org/10.34619/knpq-7oef>.

ORCID

[0000-0002-1300-0785](https://orcid.org/0000-0002-1300-0785)

CV

[3315-1423-5042](#)

Scopus ID

[57338983700](#)

Morada institucional

Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Viseu, Campus Politécnico, 3504-510, Viseu, Portugal.

Recebido Received: 2023-07-30

Aceite Accepted: 2023-11-15

DOI <https://doi.org/10.34619/knpq-7oef>

Este trabalho está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>